



Sexo, perguntas e videoteipe: uma discussão acerca dos programas brasileiros sobre sexualidade, da TV ao YouTube¹

Táia Rocha MATTOS²
Denise Tavares da SILVA³
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Veículo de massa, a televisão brasileira tem produzido, desde 1980, alguns programas e quadros que tratam de sexo e sexualidade. Mas, afinal, o que é o sexo na TV? E como o público percebe esse “sexo de TV”? A proposta desta comunicação, recorte de uma pesquisa mais ampla sobre o sexo na televisão brasileira, é destacar como os programas *Ponto Pê*, *PodSex* e o quadro do *Altas Horas* sobre sexo são observados quando vistos no *YouTube*. O objetivo, reconhecendo-se o limite da amostragem, foi verificar se é possível estabelecermos alguns indicadores sobre esse cruzamento – sexo & programa de TV – considerando o deslocamento do tema na televisão, inicialmente alocado como “comportamento”, até as propostas mais recentes que tendem a apresentá-lo pela ótica da ciência ou como base para um determinado tipo de humor (“picante”, digamos).

PALAVRAS-CHAVE

Mídia e sexualidade; televisão brasileira; Youtube; sexualidade; sexo.

Introdução

Nos últimos sessenta anos, com algumas variações, a maior parte da programação dos canais da televisão aberta nacional se baseou ou em modelos surgidos da experiência brasileira com o rádio⁴, ou nas primeiras produções nacionais para a TV — muitas delas tendo como matriz criativa os programas norte-americanos.

Baseado no Manual de Produção de Programas da British Broadcasting Corporation (BBC), que estabelece que a programação televisiva deve entreter e informar, o comunicólogo José Carlos Aronchi de Souza (2004) listou os gêneros da categoria “Entretenimento” na tevê brasileira:

Auditório, Colunismo Social, Culinário, Desenho, Docudrama, Esportivo, Filme, Game Show (competição), Humorístico, Infantil, Interativo, Musical, Novela, Quiz show, Reality Show, Revista, Série, Série Brasileira, Sitcom,

¹Trabalho apresentado no IJ 04 - Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

²Bacharel no curso de Jornalismo do IACS-UFF, e-mail: taiarochoa@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo do IACS-UFF, e-mail: denisetavares51@gmail.com

⁴Caso do telejornal *Repórter Esso*, por exemplo, que migrou do rádio para a TV.



Talk Show, Teledramaturgia, Variedades. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 93 et seq.)

Mas é no que Aronchi de Souza define como a categoria “Outros” que o objeto de análise deste trabalho se insere.

A multiplicidade de fórmulas de produção, a migração entre as categorias e a criatividade dos diretores faz [*sic*] alguns programas de TV não terem um rótulo que defina seu gênero ou sua origem. Alguns são experiências únicas, que poderiam ser classificadas de “especiais”, ou aproximam-se de certos gêneros, mas não são classificados pelas redes. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 163).

Assim, apesar de não ser possível ter conhecimento da forma com que as redes classificaram e classificam seus programas sobre sexo, é válido dizer que tais produções não se inserem em definições únicas de nenhuma das categorias citadas por Aronchi de Souza. De todo modo, vale ressaltar que a sexualidade sempre esteve, de maneira mais ou menos tímida — ou mais ou menos censurada — às voltas com a programação da televisão brasileira: foi na dramaturgia e nos filmes que o tema nas três primeiras décadas da TV ganhou mais espaço. Foram os casos do primeiro beijo e do primeiro beijo homossexual, curiosamente estrelados pela mesma atriz, ambos na dramaturgia da TV Tupi.

Na primeira telenovela brasileira, lançada em 1951, aconteceu também o **primeiro beijo na boca**. O casal protagonista de “Sua Vida Me Pertence”, na Tupi-SP, escandalizou boa parte do público conservador. A “culpa” foi do *showman* Ivon Curi, que sugeriu o gesto apaixonado e suave encenado ao vivo por Vida Alves e Walter Forster: um simples toque de lábios, com a boca fechada. (XAVIER, 2000, p. 151) [Grifo do autor]

Segundo Xavier (2000, p. 152), as atrizes Vida Alves e Geórgia Gomide interpretaram o primeiro beijo homossexual da TV brasileira. A cena, “ousada para a época”, aconteceu durante o teleteatro *Calúnia*, de Lilian Helmann, no programa *TV de Vanguarda*.

No fim dos anos 70 e no início dos anos 80, com a progressiva abertura política rumo ao fim da ditadura militar e de sua forte censura à produção cultural, a TV se tornou mais liberal no tocante à abordagem do sexo e da sexualidade. O nu e o sexo aos poucos foram se banalizando na televisão. Como destaca Xavier (2000, p. 149), em 1980 as pornochanchadas do cinema brasileiro entraram no ar com a estreia da sessão *Sala Especial* da TV Record. “Toda sexta-feira, às 23 horas, fartas cenas de bundinhas e peitinhos [*sic*] fizeram a alegria de adolescentes e marmanjos.”



Na dramaturgia, o grande destaque da época foi o seriado *Malu Mulher* (1979-1980), estrelado pela atriz Regina Duarte no auge de sua carreira. Como descreveram Xavier (2000) e Miranda & Pereira (1983), a atração abordou, pela primeira vez, temas então bastante polêmicos, como o orgasmo feminino, o aborto e a pílula anticoncepcional.

Ao longo de seu ano e meio de existência, o seriado abordou uma variedade bastante grande de assuntos — solidão, **homossexualismo**, o medo de envelhecer, os tabus da família, preconceitos, os planos para recomeçar a vida, desemprego, **aborto**, **orgasmo feminino** e assim por diante. (MIRANDA & PEREIRA, 1983, p. 68)

Onze anos depois do fim de *Malu Mulher*, em 1991, surgiu no SBT o primeiro programa integralmente forjado no erotismo: *Cocktail*, um jogo de *strip-tease*. A cada programa, um homem e uma mulher concorriam a um prêmio que chegava a até um milhão de cruzeiros. O apresentador Luís Carlos Miele comandava o jogo, em que os concorrentes também tiravam peças de suas roupas, que valiam pontos. “Mas o ponto culminante era o *strip-tease* das 17 modelos do programa. Vestidas com trajes típicos dos estados brasileiros ou fantasiadas de frutas, as ‘garotas Tim-Tim’ tiravam as roupas em frente às câmeras (...)”. Em 1998, chegou ao Brasil o primeiro canal por assinatura com programação exclusivamente erótica. Segundo Xavier (2000, p. 151): “Pelo sistema *pay-per-view*, os titulares adultos que requisitassem a programação do ‘Sexy Hot’ teriam os sinais de transmissão liberados”. Os exemplos citados se referem à dramaturgia, ao cinema e ao lazer. O sexo era apresentado como entretenimento ou parte do entretenimento. No entanto, é possível dizer que o grande divisor de águas na televisão brasileira quando se trata do sexo como tema de debate foi o programa *TV Mulher*, veiculado de 1980 a 1986 pela Rede Globo.

Programas sobre sexo: surge um filão

Talvez devido à censura cultural da ditadura militar, talvez ao moralismo do próprio público nas primeiras décadas da TV brasileira, o fato é que a televisão brasileira demorou 30 anos para falar abertamente sobre sexo e coube a Marta Suplicy este pioneirismo, através de sua participação no programa denominado *TV Mulher*, primeiro programa matinal dedicado ao público feminino.

(...) Culinária, moda, beleza, saúde e... comportamento sexual. (...) A futura prefeita de São Paulo, a psicóloga Marta Suplicy, respondia as cartas das telespectadoras com dúvidas sobre sexo, ou melhor, sexualidade. Em pauta, questões como menstruação, orgasmo, impotência.” (SOUTO MAIOR, 2006, p.192)



Dispondo de apenas cinco minutos diários nas manhãs da Globo, não é exagero dizer que Marta Suplicy revolucionou a forma de falar sobre sexo na TV brasileira. Pela primeira vez discutia-se em detalhes temas relacionados ao sexo, ao ato sexual, e à sexualidade de maneira geral — o que incluía relacionamentos, divórcio, independência etc. Com uma abordagem que pode ser definida como feminista, uma vez que defendia a emancipação feminina e a naturalização do desejo da mulher, Marta lia e analisava as cartas de telespectadoras afoitas por tirar dúvidas.

Em 1983 [o programa *TV Mulher*] era transmitido para todo o Brasil, sempre ao vivo. Nessa época, o diretor geral Nilton Travesso utilizou a sessão “Comportamento Sexual”, de Marta Suplicy, para comentar a evolução do perfil da mulher brasileira. Na fase inicial do programa, Marta recebia dois tipos de correspondência: as tímidas, que usavam várias páginas antes de chegar ao assunto, e as agressivas, com xingamentos, censuras aos temas e grosserias. Em 1983, as cartas já eram mais claras e corajosas, sem protestos. (PROJETO MEMÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2003, p. 599)

No único vídeo⁵ de *Comportamento Sexual* disponível no site *YouTube*, Marta compara cartas de leitoras com diferentes visões sobre o casamento e a necessidade de agradar seus respectivos maridos. A apresentadora ironiza algumas atitudes femininas que, à época, ainda serviam como subterfúgio para evitar o divórcio — como no caso da telespectadora que diz inventar para o marido que vai fazer um “tratamento de saúde” em outra cidade e “foge” de casa — e para disfarçar suas reais intenções em relação à vida sexual — como no caso da participante que conta enganar o marido dizendo que está com dor de cabeça ou menstruada quando não quer transar. O *TV Mulher* ficou no ar até 1986, deixando a grade por queda nos índices de audiência.⁶

Somente após um hiato de 13 anos, a TV brasileira produziria um novo programa sobre sexo e sexualidade com repercussão comparável à do *TV Mulher* — guardando-se as devidas proporções, já que o pioneiro era veiculado na maior rede de televisão nacional, enquanto a retomada se deu no canal segmentado MTV Brasil. O *MTV Erótica* passou a ir ao ar em janeiro de 1999⁷, inspirado no programa da matriz norteamericana *Loveline* e trazendo, em um cenário intimista, o psiquiatra e sexólogo Jairo Bouer e a modelo e apresentadora Babi Xavier.

⁵ Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=vvArkb0_UjQ.

⁶ BARROS, Andréa & CAPRIGLIONI, Laura. “A deputada é pop” in **Revista Veja**, 26/11/1997, disponível em: http://veja.abril.com.br/261197/p_096.html.

⁷ MENEZES, Cynara. *Tudo o que você não gostaria de saber sobre sexo*, in **Marie Claire**, dez. 1999. Disponível em http://marieclaire.globo.com/edic/ed105/rep_sexo1.htm.



A ambientação do programa criava o visual aconchegante de um quarto. Além das perguntas que chegavam por telefone e pela internet (ferramenta ainda bastante incipiente na época no Brasil) e eram feitas por uma pequena plateia, a cada semana os apresentadores recebiam diferentes convidados, como cantores, atores, entre outras figuras de destaque na mídia. As personalidades, além de serem entrevistadas pelos apresentadores, respondiam às perguntas feitas pelo público. Na segunda fase do programa, em 2000, a dupla foi substituída por um trio, com Jairo Bouer, o modelo Júlio Coimbra e a apresentadora Ludmila Rosa. A atmosfera desse período era mais participativa e, o cenário, mais futurista. No ano seguinte, o *Erótica* voltou ao formato original, com um “casal” de apresentadores, mas desta vez com Bouer e a modelo Tathiana Mancini, e o mesmo clima intimista da primeira versão. Em todas as fases, Bouer garantiu o lastro científico das respostas aos telespectadores do programa, exibido ao vivo às dez da noite. A atração deixou de ser veiculada depois de três anos, em 2002.

Ponto Pê: o carisma substitui o “saber”

Dois anos depois do fim do *Erótica*, a MTV estreava o *Ponto Pê*, investindo em um talento saído dos bastidores da própria emissora, e que havia sido revelado no programa *Peep MTV*, também sobre sexo, em 2002. No *Peep*, ela dividia o palco com Jairo Bouer e a VJ Didi Wagner. Penélope logo se destacou e, na maioria das vezes, os telespectadores escolhiam-na para responder a suas perguntas. Sem qualquer formação na área de saúde, ao contrário de seus antecessores Marta Suplicy e Jairo Bouer, especializados em sexologia, o que provavelmente chamou a atenção dos diretores da MTV e acabou por dar maior projeção à Penélope, foi a desenvoltura da apresentadora. Apresentando visual exótico, ou seja, diferente dos que a maioria das apresentadoras tem, com inúmeras tatuagens pelos braços e pelo colo, um rosto anguloso e pouco fotogênico e um corpo cheio de curvas — muitas vezes expostas em decotes e shorts ou saias curtas — Penélope trazia à tela uma nova identidade de apresentadora. Completava seu “personagem” o linguajar recheado de palavrões e gírias, que respondia às dúvidas dos telespectadores toda sexta-feira às dez da noite.

Talvez o maior diferencial na fala de Penélope fosse que a apresentadora não se preocupava tanto com o tato e o tom politicamente correto quanto Marta, Jairo Bouer, Babi, Didi Wagner e companhia. Apesar de todos os programas citados sempre apostarem no discurso oficial do controle da aids e das DST, bem como da gravidez na



adolescência, aconselhando o uso da camisinha, vez por outra era possível testemunhar a moça chamando um telespectador homossexual de “bichinha fricolenta” ou uma telespectadora de “mulherzinha” etc.

A postura, mesmo que polêmica, agradava. É possível perceber a boa aceitação de Penélope pelo tom das centenas de comentários postados atualmente sobre os vídeos do *Ponto Pê* no *YouTube*. Apesar de haver críticas, a maioria dos usuários do site aprova a postura aparentemente espontânea de Penélope. A despreocupação pessoal com o politicamente correto, no entanto, não impedia que por vezes a apresentadora reagisse de maneira até bastante moralista.

Embora mantivesse humor irônico durante a maior parte do tempo, Penélope eventualmente se irritava — diferentemente da tranquila Babi e do metódico Jairo Bouer — com alguns telespectadores. Isso acontecia especialmente quando um participante fazia perguntas que a VJ claramente não sabia responder ou quando envolvia questões moralmente polêmicas, como quando um homem ligou perguntando como poderia fazer sexo grupal com sua mulher e a prima desta — com quem ele já mantinha um relacionamento em segredo. Nesse caso, a reação de Penélope foi instantânea: a apresentadora chamou a próxima ligação.

O *Ponto Pê* saiu do ar em 2007, três anos depois que estreou.

Laura Muller: comunicação e sexologia

No mesmo ano em que o *Ponto Pê* deixou a grade de programação da MTV, o programa *Altas Horas*, da TV Globo, apresentado nas madrugadas de sábado desde 2000 por Serginho Groisman, ganhou um quadro sobre sexo. A encarregada de receber e responder às dúvidas sobre o tema feitas pela plateia ou enviadas pela internet foi a jornalista especializada em sexologia Laura Muller. A apresentadora, que já escreveu três livros sobre sexo e sexualidade⁸, exibe um conhecimento relativamente vasto sobre o tema, adquirido em sua pós-graduação em Psicologia Clínica e sua especialização em sexologia.

Laura começou a pesquisar sobre sexo quando cobria o tema para o jornal *Folha de S. Paulo* e a revista *Claudia*⁹, e chamou a atenção da mídia ao lançar seus primeiros livros. No *Altas Horas*, a comunicadora costuma ficar entre dez a vinte minutos no palco

⁸ São eles: *500 perguntas sobre sexo: respostas para as principais dúvidas de homens e mulheres* (2001); *500 perguntas sobre sexo do adolescente: um guia para jovens, educadores e pais* (2005) e *Altos papos sobre sexo: dos 12 aos 80 anos* (2009). Fonte: Biblioteca Nacional.

⁹ Informação do site de Laura: www.lauramuller.com.br



respondendo a questões da plateia, dos internautas e ainda dos convidados do programa, personalidades de várias áreas.

O perfil de Laura pode ser localizado entre a espontaneidade de Penélope e a preocupação técnica de Jairo Bouer. Sempre sorrindo e raramente entrando em confronto com o interlocutor, Laura não deixa de dar detalhes fisiológicos e clínicos sobre o assunto em questão. Os comentários em seus vídeos disponíveis no YouTube são em sua maioria bastante elogiosos e favoráveis.

Ao contrário do exotismo visual de Penélope, Laura apresenta um guarda-roupa bastante discreto. Quase sempre a apresentadora usa calças e sapatos baixos, e em nenhum dos vídeos analisados Laura usou um decote ou comprimento mais provocante. O foco parece ser o que ela tem a dizer. O quadro ainda está no ar.

PodSex: jovens e leigas, como o público

Duas jovens e belas apresentadoras chamaram a atenção no ano seguinte à estreia de Laura Muller. Elisa Martinez e Tielen Müller, mais conhecidas como Kika e Titi, ambas na casa dos 20 anos, foram escolhidas para trazer o sexo de volta à pauta na MTV. Assim como Penélope, Kika e Titi não tinham qualquer conhecimento científico sobre sexo, mas a abordagem se diferenciava da anterior porque, ao contrário de Penélope, as gaúchas não pareciam ter intenção de dar soluções às questões dos participantes. Outro aspecto relevante é que ambas deixavam bem claro que suas opiniões eram pessoais, e não baseadas em ciência ou pesquisa.

Jovens como o público-alvo da MTV, Kika e Titi apareceram primeiro no portal da MTV na internet, apresentando um *podcast* (áudio) sobre sexo. A atração já se chamava *PodSex*. Pouco tempo depois, o *podcast* se tornaria um *videocast*, que unia o áudio à imagem das apresentadoras em um estúdio. Não tardou para o programa migrar da internet para a televisão e ganhar um cenário.

Em novembro de 2009, a atração passou a ser ao vivo, e as apresentadoras puderam conversar com os telespectadores pelo telefone, além de ler as dúvidas enviadas através do site do programa em um laptop que ficava sempre à mão. Havia ainda participações por telefone de profissionais ligados à área, como uma diretora de programas de um canal de TV erótico.

Nos vídeos disponíveis na internet, os comentários dos usuários se dividem entre os elogios, a identificação, e os xingamentos e críticas às apresentadoras. Os xingamentos costumam relacionar o fato de as VJs serem “desencanadas” a uma suposta



promiscuidade. Curiosamente não havia muitas incidências desse tipo de comentário nos vídeos do *Ponto Pê*. Talvez porque Penélope não falasse tanto sobre suas experiências — o que Kika e Titi faziam repetidamente, utilizando-se do artifício de transferir suas ações para outras pessoas, dizendo “Tenho uma amiga que passou por isso”, instrumento de discurso que elas mesmas ironizavam. O *PodSex* teve seu episódio final exibido no início de 2010, deixando uma lacuna que ainda não foi preenchida novamente pela MTV neste nicho.

O Sexo da TV chega ao YouTube

Originalmente criados para a televisão, os programas *Altas Horas*, *PodSex* e *Ponto Pê* também existem no *YouTube*¹⁰, permitindo, deste modo, que se possa conhecê-los – no caso dos já extintos - ou mesmo comparar mudanças, o que pode ser colocado em relação ao *Altas Horas* que, pelo menos oficialmente, permanece na grade da Rede Globo (não de forma contínua). Por conta desta disponibilidade foram examinados vinte edições dos três programas citados por se entender que representam três abordagens diferentes – ou que se assumem diferentes – em relação ao sexo. Em função do limite do espaço destacamos aqui como estes programas são publicados no *YouTube* e os comentários postados. De acordo com o próprio site, há dezesseis categorias com que os usuários que publicam vídeos podem definir o material.

Um vídeo pode pertencer a uma das diversas áreas de tópicos, também chamadas de categorias. O *YouTube* organiza de forma conveniente grande parte de seu conteúdo na guia "Vídeos" localizada na parte superior de todas as páginas. (...) os vídeos são classificados como: "Todos", "Veículos", "Humor", "Educação", "Entretenimento", "Filmes e desenhos", "Jogos", "Instruções e estilo", "Música", "Notícias e política", "Sem fins lucrativos e ativismo", "Pessoas e blogs", "Animais", "Ciência e tecnologia", "Esportes" e "Viagens e eventos".¹¹

Curiosamente, apesar de haver uma considerável quantidade de ocorrências de vídeos relacionados ao tema sexo/sexualidade no arquivo do site, não há uma categoria relacionada especificamente a essa área. Ainda que os vídeos mais explícitos sejam muitas vezes sinalizados pelos próprios usuários para que os administradores do site os retirem do ar, através do comando “sinalizar como impróprio”, há muitos vídeos não explícitos sobre sexo e erotismo que realmente não contam com uma categoria específica.

¹⁰ Criado em 2005, o *YouTube* é um site que permite postagens de vídeo gratuita e, também, assistir e comentar todo o acervo, bastando o usuário selecionar o que quer ver.

¹¹ Extraído do glossário do *YouTube*, disponível em <http://www.google.com/support/youtube/bin/answer.py?hl=br&answer=94328>



Esta configuração foi útil para este trabalho. Isto porque, ao classificar com uma das categorias citadas os vídeos sobre sexo, os usuários do *site* acabam por resumir como percebem a mensagem do programa em questão. Vamos analisar as três categorias mencionadas, e quais programas apresentaram mais classificações de cada uma delas.

Categoria Programa	<i>Altas Horas</i>	<i>PodSex</i>	<i>Ponto Pê</i>
Entretenimento	80%	90%	-
Humor	5%	10%	100%
Pessoas e blogs	15%	-	-

Como é possível perceber, o programa *Altas Horas* foi por mais vezes considerado “Entretenimento”, e em seguida, provavelmente pelo fato de Laura Muller ter seu próprio site, como “Pessoas e blogs”. Apenas um vídeo foi definido na categoria “Humor”. Pelo que foi possível deduzir, neste único caso, alunos de um colégio ou faculdade (*ISCA*, que está no título do vídeo) foram participar do programa e se divertiram com as perguntas que fizeram, daí a classificação. Dentro desse universo de opções, os vídeos do *Altas Horas* foram considerados mais “sérios”, ou menos divertidos.

Quanto ao *PodSex*, dezoito vídeos em vinte foram considerados “Entretenimento” e apenas dois, “Humor”. Nos dois vídeos com esta última classificação, as apresentadoras Kika e Titi de fato falaram sobre temas (motel e “ejaculação feminina”) que, com suas abordagens acabaram soando cômicos. No entanto, o mesmo tom pode ser notado em outros vídeos da dupla. No caso do *Ponto Pê*, no entanto, todos os vídeos são considerados como “Humor”. E, embora a maioria dos vídeos tenha sido postada pelo mesmo usuário — o que poderia justificar a escolha da mesma categoria — há, no mínimo, outros quatro usuários que classificaram os vídeos da mesma forma.

Realmente, das quatro apresentadoras, embora todas lancem mão, em algum momento, do humor, é Penélope quem recorre aos clichês e piadas (para além do que seria considerado um discurso “sério”) durante a maior parte do tempo. Quanto às visualizações dos vídeos, o quadro é este:

Programas	<i>Altas Horas</i>	<i>PodSex</i>	<i>Ponto Pê</i>
Total de visualizações dos 20 vídeos	87.818	395.671	275.929



A partir dos dados da tabela acima, pode-se deduzir que, entre os usuários do *YouTube*, os vídeos mais populares são os do programa *PodSex*. Seria necessário realizar uma pesquisa com o próprio público para concluir o porquê da preferência, mas pode-se cogitar alguns motivos. Enquanto Laura Muller usa de maneira geral um discurso mais clínico, Penélope, ao contrário, enfatiza suas opiniões pessoais, ainda que leigas.

Kika e Titi, portanto, seriam uma opção entre os dois extremos. Já vimos que o público não considera o quadro de Laura Muller essencialmente divertido, enquanto o programa *Ponto Pê* parece não ser levado a sério em nenhum momento. O *PodSex*, assim, seria um meio-termo entre as duas opções. Isto porque as apresentadoras são consideradas divertidas, mas ao mesmo tempo são levadas a sério. O que talvez explique essa consideração com as apresentadoras é o fato de que, apesar de serem leigas como Penélope no tema, o formato do *PodSex* permitia que ambas dialogassem com profissionais da área. Elas também se mostravam menos preocupadas em oferecer soluções às questões dos participantes, e pareciam mais à vontade para demonstrar suas dúvidas e incertezas.

Embora o objeto de análise deste programa sejam programas de televisão, uma vez que também fiz uso da internet para o acesso aos vídeos, considero que seja relevante reconhecer a importância e a influência deste meio na relação que estabelece com estas produções. Isto é, não fosse pela internet e, mais especificamente, pelo *YouTube* e seu arquivo público, todo esse material estaria restrito aos arquivos das emissoras que os veicularam e às pessoas que o gravaram (o que não é uma ação muito corrente nos dias atuais). No entanto, os vídeos não só são acessíveis, como são continuamente acessados¹² pelo público e recebem comentários quase totalmente livres (já que podem ser denunciados se considerados ofensivos ou apagados pelos usuários). Assim, o *YouTube* apresenta debates permanentemente atualizados sobre os programas, interação que jamais existiu na televisão — ao menos, não com tal liberdade.

O número de comentários pode indicar como o vídeo é polêmico e/ou interessante ao público, mas optar por esse critério leva a uma charada: um vídeo é mais comentado porque aparece no topo da lista de pesquisa de um tema ou aparece no topo da lista de pesquisa porque é mais comentado¹³?

¹² Para efeito de ilustração, o vídeo mais acessado entre os 60 escolhidos, do *PodSex*, contava 129.050 acessos em abril de 2010 e, dois meses depois, em junho, o número havia subido para 138.186 — mais de nove mil novos acessos.

¹³ Quanto mais visualizado um vídeo é, mais alto ele aparece na relação de vídeos sobre um tema. Assim, se buscamos por “Ponto Pê”, os primeiros vídeos serão os que recebem mais visualizações e, por estarem no topo, muitas vezes são mais vistos e comentados, gerando um ciclo vicioso.



A posição dos vídeos, no entanto, não é completamente estática. Após quase três meses da primeira análise, os que aparecem no topo da lista do *Ponto Pê* e do *PodSex* são os mesmos do início da pesquisa, no entanto, os vídeos do programa *Altas Horas* mudaram de posição. Assim, pode-se considerar que os vídeos assumem suas posições no *YouTube* de acordo com o interesse que suscitam no público do site — e a polêmica e o debate que geraram nas listas de comentários decorrentes. Abaixo, foram listadas as quantidades de comentários sobre cada programa.

Comentários Programa	<i>Altas Horas</i>	<i>PodSex</i>	<i>Ponto Pê</i>
Vídeo 1	13	132	46
Vídeo 2	1	1	30
Vídeo 3	0	5	20
Vídeo 4	4	0	6
Vídeo 5	3	31	9
Vídeo 6	1	0	6
Vídeo 7	1	0	11
Vídeo 8	0	13	7
Vídeo 9	1	35	2
Vídeo 10	1	0	24
Vídeo 11	1	0	1
Vídeo 12	0	0	26
Vídeo 13	1	28	9
Vídeo 14	0	10	3
Vídeo 15	2	36	2
Vídeo 16	Fechado para comentários ¹⁴	0	213
Vídeo 17	0	1	6
Vídeo 18	3	0	5
Vídeo 19	4	8	1
Vídeo 20	1	12	3
TOTAL DOS 20 VÍDEOS	37	312	430

¹⁴ O *YouTube* permite que os usuários decidem se querem que o público comente os vídeos que postam.



Os vídeos, exceto pelos (poucos) casos de episódios divididos em blocos, que foram justapostos, foram listados na ordem em que se encontravam nas listas do *YouTube* em março (Ponto Pê) e abril (Altas Horas e PodSex) de 2010. Assim, percebe-se que nem todos os vídeos que somam mais comentários estão no topo das listas — o que reforça o argumento de interesse momentâneo. Em resumo, os vídeos parecem ser lançados ao topo por usuários que assistem uma sequência de vídeos e por algum motivo os comentam e iniciam um novo debate. Quando o público em geral não se interessa, o vídeo ou não “sobe” ou volta a “descer” em pouco tempo na lista.

Conclusão

Analisando o total de comentários que cada programa recebeu no *YouTube*, é possível dizer que o *Altas Horas* é o programa visto como menos “polêmico”, contando apenas 37 comentários ao longo dos vinte vídeos, enquanto o *PodSex* soma 312 e, o *Ponto Pê*, 430. Além disso, nenhum dos vídeos do *Ponto Pê* deixou de ser comentado. Um dos possíveis motivos para isto talvez seja que a linguagem mais clínica de Laura Muller pode fazer com que o público do *site* se sinta menos à vontade para questionar, comentar e criticar (embora aconteça). Isto porque, ao adotar uma fala mais próxima à ciência, Laura se afasta da arena discursiva do público, em geral leigo.

As outras três apresentadoras, aparentemente (e oficialmente), não têm conhecimento científico sobre o tema, situando-se no mesmo nível de informação do telespectador. Kika e Titi por vezes chegam a demonstrar claro desconhecimento sobre alguns temas, expressando sua ignorância através de interjeições de espanto e repúdio. Por várias vezes o público comenta com naturalidade, no *YouTube*, um assunto que ambas trataram com estranheza - caso, por exemplo, do vídeo sobre “ejaculação feminina”. Quanto à Penélope, além do fato de ser leiga, cabe levar em conta seu perfil irônico, sarcástico, assertivo e provocador, o que pode ter ajudado a gerar a polêmica apontada pelos números.

Para endossar esse argumento, é válido observar com mais zelo o vídeo mais comentado de cada programa. O campeão no quesito polêmica foi o vídeo “Penelope tira com a cara de um imbecil no *Ponto Pe*¹⁵”, com 230 comentários em março. No vídeo, Penélope atende uma ligação em que um homem diz ser casado. Em seguida, o homem (que se identifica como Ary) revela que tem um caso com a prima de sua mulher. Ele então pergunta à apresentadora o que deve fazer para conseguir transar com as duas, mulher e amante, ao

¹⁵ Os nomes deste e de outros vídeos estão escritos exatamente como aparecem no YouTube.



mesmo tempo. Penélope, que começa a ser irônica assim que Ary conta que é amante da prima de sua mulher, diz que vai falar o que pensa a respeito e chama a próxima ligação — o que serve de código para a produção do programa interromper o telefonema e trazer outro. Os comentários analisam a atitude da apresentadora: muitos apóiam, muitos criticam e alguns simplesmente mostram ter se divertido com a cena.

Enquanto o que gera polêmica no *Ponto Pê* é a atitude da apresentadora, no *PodSex* o vídeo mais repercutido, “Gozar [sic] na cara, pode? - MTV PodSex”, parece ter chamado a atenção do público por seu tema. Mais especificamente pelo fato de serem duas mulheres falando sobre um momento do ato sexual, uma questão física — o que, na televisão, não é comum. Assim, os comentários aparecem bastante divididos: enquanto muitos recriminam as apresentadoras, relacionando o fato de falarem abertamente sobre o ato sexual a uma suposta promiscuidade, outros criticam estes primeiros, por seu “machismo” e “hipocrisia”, e outros ainda elogiam a beleza das apresentadoras. Enquanto alguns criticam a ausência de especialistas no programa, outros elogiam exatamente essa informalidade. Se um usuário comenta que prefere o programa *Ponto Pê* (então extinto), outro defende que as apresentadoras seriam melhores que o psiquiatra Jairo Bouer, do *MTV Erótica*. A polêmica, no *PodSex*, surge pelo assunto tratado.

Polêmica, no entanto, parece ser algo de que Laura Muller foge sempre que possível no *Altas Horas*. Não por acaso, o vídeo mais comentado na época em que a pesquisa foi feita, “Altas Horas - Sexo, Laura Muller em 26/07/08”, não aborda uma grande polêmica. De fato, os comentários são de usuários que apenas se identificam ou se divertem com as perguntas feitas. Em junho, no entanto, o vídeo que estava no topo da lista de vídeos do quadro de Laura, “Altas Horas - dúvidas de Sexo, Laura Muller - 10/01/2009”, provavelmente chegou à posição por trazer uma situação polêmica.

No vídeo, uma mulher com aparência bastante jovem da plateia pergunta sobre como se dá a menopausa em mulheres que foram mães na adolescência. Laura explica que não há muitas diferenças entre o processo em uma pessoa que foi mãe mais nova e em uma mulher que teve filhos mais tarde. No entanto, ela acrescenta que, já que está falando para adolescentes, é necessário lembrar que ser mãe na adolescência “não dá”, e que as meninas devem tomar todo o cuidado para isso não ocorrer. A mesma mulher então pede a palavra e diz que gostaria de mandar beijos para suas filhas, que teve na adolescência. A fala, mesmo que suave, causa impacto, já que Laura havia acabado de recriminar a situação.

Serginho Groisman se encarrega de perguntar se as gravidezes foram desejadas, ao que a mulher responde que não, embora na época estivesse muito apaixonada e pensasse em se



casar com seu parceiro. O espanto geral aumenta quando a participante, que aparenta ter cerca de vinte anos, conta que sua primeira filha hoje tem dezessete anos. Laura pergunta se “foi difícil” e a mulher confirma que sim. No entanto não há um embate, já que a mulher acaba por corroborar a ideia de que ter filhos na adolescência é complicado e, portanto, deveria ser evitado. Existe, portanto, polêmica, mas ela surge de um comentário feito pelo público do programa, e não pela postura da apresentadora, como acontece no caso do *Ponto Pê*, ou por um tema raramente abordado em público, como no caso do *PodSex*.

O cenário descrito acima, é claro, não dá conta – e nem é esta a pretensão – de todos os aspectos que envolvem programas sobre sexo e/ou sexualidade na televisão brasileira, seja aberta ou fechada. De todo modo, com este percurso pretendeu-se contribuir para os estudos sobre o tema, particularmente analisando como o sexo e a sexualidade são abordados na produção audiovisual dos dias atuais a partir do olhar de quem o observa no *YouTube*. Uma pretensão bastante modesta se considerarmos tanto o limite de acesso à Internet, ainda bastante restrito, quanto a seleção dos vídeos que representam a amostra dos programas. No entanto, vale frisar que minha expectativa é a de que este breve estudo seja mais um a mostrar o quanto este assunto merece ser contemplado pelas pesquisas em Comunicação Social no Brasil.

E, para encerrar, gostaria de ressaltar que talvez o que definirá se este “protogênero” da televisão brasileira se aterá mais a informar ou a entreter nas próximas décadas — ou se encontrará um novo caminho que não os experimentados até aqui — serão não apenas os indicadores de audiência (que não se pode ignorar), mas, possivelmente, a interação das emissoras com o público através de espaços como seus sites, o próprio *YouTube* e outras redes sociais onde, nestas sim, o público talvez seja realmente livre para opinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. Gêneros e formatos na Televisão Brasileira. São Paulo, Summus, 2004.

ARRUDA, G. 90 Projetos em montagem. *Gazeta Mercantil*, 24 de julho de 1991.

CASTRO, Karina Lúcia de. Educação sexual e erotização na televisão: uma análise crítica do programa *Ponto Pê*, da MTV Brasil. 2007, 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) — Curso de Comunicação Social, Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2007.

GLOSSÁRIO do YouTube: Categoria. YouTube, LLC. Atualizado em 21 mai. 2010. Disponível em: <http://www.google.com/support/youtube/bin/answer.py?hl=br&answer=94328>.

HISTÓRIA da TV por assinatura no Brasil. Canais Globosat. Disponível em: http://canaisglobosat.globo.com/index.php/tv_por_assinatura/historia.



- MEMÓRIA GLOBO. Roberto Marinho. Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYP0-5271-259095,00.html>.
- MEMÓRIA GLOBO. Você decide! Memória Globo. Disponível em: http://memoriaglobo.globo.com/TVGlobo/Comunicacao/Institucional/memoriaglobo/CDA/Pop/tvg_cmp_memoriaglobo_pop_descricao_subtema/0,35985,22913,00.html
- MENEZES, Cynara. Tudo o que você não gostaria de saber sobre sexo. Marie Claire. Publicado em dez. 1999. Disponível em: http://marieclaire.globo.com/edic/ed105/rep_sex01.htm.
- MIRANDA, Ricardo & PEREIRA, Carlos Alberto M. Televisão as imagens e os sons: no ar, o Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- MURARO, Rose Marie. Conclusão. In:_____. A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 6. ed. Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 2000.
- KIKA e Titi. Pânico na Interné. Disponível em: <http://virgula.uol.com.br/paniconainterne/podcast/index.php?id=369>.
- PINTO, Luiz Fernando M. Televisão e educação sexual. Jornal de Pediatria, Salvador, 1995.
- PROJETO MEMÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO. Dicionário da TV Globo, vol. 1: programas de dramaturgia & entretenimento. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.
- SEXO e conversa. Época apud Observatório da Imprensa. Publicado em 4 jun. 2001. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/qtv060620012.htm>.
- SIMÕES, Inimá Ferreira. Um país no ar: história da TV brasileira em três canais. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- SODRÉ, Muniz. O Monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1984.
- SOUTO MAIOR, Marcel; pesquisa Memória Globo. Almanaque da TV Globo. São Paulo, Globo, 2006.
- THEODORE J. HULL. Statistical information about casualties of the Vietnam War. The National Archives. Publicado em fev. 2007. Disponível em: <http://www.archives.gov/research/vietnam-war/casualty-statistics.html>.